

AS CAIXEIRAS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE PINHEIRO-MA: uma etnografia sobre a relação entre as Políticas Culturais e as Mestras da Cultura e Religiosidade Popular

Prof. Dr. Claudeilson Pinheiro Pessoa¹

Maryna Eduarda Ferrais Lobato²

Lucilene de Jesus Nogueira³

RESUMO

Este estudo ainda em andamento visa descrever a relação entre as Políticas Culturais e as caixeiras do Divino Espírito Santo do município de Pinheiro- MA. A metodologia da pesquisa é baseada em uma abordagem etnográfica e envolve a coleta de dados com foco em entrevista intensiva, observação participante e análise documental concernentes aos modos de pensar, sentir e agir das nossas sujeitas da pesquisa. Identificou-se que as (os) Caixeiras (os) do Divino Espírito Santo apesar de serem citadas nos documentos oficiais em sua maioria, não são contemplados pelas políticas e, programas engendrados pelas Políticas Culturais mesmo sendo reconhecidas como guardiãs de um saber ancestral, tendo em vista as suas condições de mulheres e homens idosas e idosos, negras (os) e empobrecidas (os), unindo-se a massificação cultural e a ausência de prioridade nas agendas das políticas públicas de cultura da inclusão de segmentos populares.

Palavras-chave: Estado; Políticas Culturais e Caixeiras do Divino Espírito Santo.

ABSTRACT

This ongoing study aims to describe the relationship between Cultural Policies and the cashiers of Divino Espírito Santo in the municipality of Pinheiro-MA. The research methodology is based on an ethnographic approach and involves data collection with a focus on intensive interviews, participant observation and document analysis concerning the ways of thinking, feeling and acting of our research subjects. It was

¹ Orientador; Caixeiro do Divino Espírito Santo em diversos Terreiros e casas de festa na Baixada e Litoral Ocidental Maranhense. Professor Efetivo da Educação Básica, Técnica e Tecnológica (EBTT) em Regime Dedicado Exclusivo (DE) do Instituto Federal do Maranhão (IFMA/Campus Pinheiro); Doutor em Educação, Memória e Sociedade pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD/MS). claudilson.pessoa@ifma.edu.br

² Caixeira do Divino Espírito Santo em diversos Terreiros e casas de festa em Pinheiro- MA. Aluna do Curso Técnico em Meio Ambiente (Integrado) do Instituto Federal do Maranhão (IFMA Campus Pinheiro); e bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão (FAPEMA); l.ferrais@acad.ifma.edu.br

³ Festeira do Divino Espírito Santo, Caixeira e rezadeira em diversas casas de festa e Terreiros no município de Pinheiro- MA.

identified that the Caixeiras do Divino Espírito Santo, despite being mentioned in the majority of official documents, are not contemplated by the policies and programs engendered by the Cultural Policies, even though they are recognized as guardians of an ancestral knowledge, in view of their conditions of elderly, black and impoverished women, joining the cultural mass and the lack of priority in the agendas of public policies of culture of inclusion of popular segments.

Keywords: State; Public policy; Culture Makers; Feast of the Divine Holy Spirit

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de políticas culturais em comunidades tradicionais, dando ênfase ao fortalecimento do sentimento identitário por meio da valorização de mestras e mestres dos saberes populares explicita tensões, distinções e interdições que envolvem o crivo feito pelo Estado enquanto ente que determina (e impõe) aquilo e aqueles que merecem ser fomentados e incentivado, e aquilo que pode ou não ser “considerado” cultura. (OLIVEIRA e SILVA, 2013)

Diante disso, afirmamos a existência de uma distinção fundamental das políticas culturais com a oposição entre, de um lado, a difusão da cultura consagrada e, de outro, a valorização das práticas culturais populares ou comunitárias, prevalecendo uma visão elitista de Política Cultural (LIMA, ORTELADO E SOUZA, 2013). Esse aspecto atrelado ao racismo religioso e cultural, a uma visão etnocêntrica, classista e demais camadas de opressão, delegam a grupos subalternizados posições de usufruto mercadológico de seus saberes, transformando heranças culturais em meros produtos a serem consumidos.

Diante disso, nossa pesquisa visa descrever a relação das Políticas Culturais com as (os) Caixeiras (os) do Divino Espírito Santo da Comunidade de Quinta da Boa Vista em Pinheiro-MA, especificamente do Salão do Divino Espírito Santo, São Benedito e São Sebastião. A nossa pesquisa é um recorte do estudo em andamento denominado “**O Devir Caixeira: aprendizado, participação e performance na festa do Divino Espírito Santo da saudosa Teresa de Francelino e no Terreiro Ogum Megê em Pinheiro- MA**” financiado pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Maranhão (FAPEMA) através do Edital PRPGI Nº 09/2022 - PIBIC Ensino Médio 2022/2023 IFMA Campus Pinheiro.

Diante disso, este artigo visa contribuir com a ampliação do repertório de estudos que versam sobre a relação do Estado por meio das Políticas Culturais com mestras e mestres da Cultura Popular, fornecendo pistas para possíveis estudos futuros ampliando o diálogo sobre as formas de distinção, participação e inclusão de grupos subalternizados e suas expressões culturais na agenda de ações engendradas pelo estado, neste caso, especificamente as Caixeiros do Divino Espírito Santo.

2. METODOLOGIA

A pesquisa em questão terá como perspectiva de investigação a etnografia sendo esta, uma possibilidade de imersão do pesquisador no campo de pesquisa por um tempo prolongado. No caso desta pesquisa a convivência com as caixeiros da casa da saudosa Teresa de Francelino e do Terreiro Ogum Megê é uma realidade presente, tendo em vista orientador e possível orientanda sermos caixeiro e bandeira respectivamente das referidas festas. Diante disso, realizamos os seguintes processos metodológicos:

- a) Levantamento e Revisão bibliográfica, realizando fichamentos, resumos e resenhas com foco na temática em questão, dando ênfase aos seguintes descritores: Devir; Caixeiros do Divino; Maranhão; considerando as formulações teóricas e metodológicas de autores que possuem os mesmos objetos que se alinham a nossa perspectiva;
- b) Análise documental, para levantamento de informações sobre as Memórias da festa e sobre o entendimento desta e das caixeiros enquanto importantes (ou não) personagens no conjunto das Políticas Culturais do Município de Pinheiro-MA.
- c) Entrevista intensiva, tendo em vista a necessidade de preencher as lacunas ocasionadas pela ausência de muitos documentos e pela necessidade de entendermos como as (os) sujeitas (os) investigados pensam e experienciam estas práticas.
- d) Observação participante com a imersão de orientador e orientanda no cotidiano da festa desde a organização até os processos de realização dos rituais por meio daquilo

PROMOÇÃO



APOIO



que Geertz (2008) denomina de *descrição densa*, buscando os aspectos simbólicos, interpretando a (s) cultura (s), vista (s) como um texto a ser decifrado.

3. A FESTA DO DIVINO DO MARANHÃO E SUAS CAIXEIRAS

“Esta vida de caixeira

É vida muito cansada

Deita bem tarde da noite

Levanta de madrugada”

(Verso das Caixeiras da Quinta da Boa Vista)

A festividade do Divino Espírito Santo que teve a sua origem em Portugal e veio para o Maranhão no século XVI, principalmente em São Luís e Alcântara, realiza-se na quinta-feira da Assunção do Senhor no Domingos de Pentecostes, que no mês de maio sofre variações, podendo ser realizada também no mês de junho. (LIMA, 1988) Na Baixada Ocidental Maranhense a referida festividade ocorre em diversas datas e ocasiões quase sempre associada as homenagens a outros santos ou entidades, tendo em vista serem realizadas também em Comunidades Tradicionais de terreiros.

De acordo com Lima (1988) a referida festa ganhou popularidade em diversas localidades do país, principalmente Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Maranhão e Goiás. A respeito do Maranhão Lima (1988, p.21) destaca que a maior festa é em Alcântara e que as motivações para a existência da mesma foi " [...] com a frustrada visita de Pedro II; então os negros decepcionados, levaram um cortejo a igreja coroando um imperador e "inventando" a festa."

Na visão de Ferretti (2009) a referida festa é um ritual da religiosidade popular, que ocorre não exclusivamente em terreiros, pois é “[...] realizado igualmente em outros ambientes. É uma tradição do Catolicismo Popular e, ao mesmo tempo, uma festa que faz parte dos rituais dos terreiros, embora com características diferentes das outras festas” (FERRETTI, 2009, p. 181)

Neste sentido, Soares (2023) e Lobato (2023) enfatizam que a Festa do Divino Espírito Santo traz alguns elementos que são comuns, independente dos lugares do sagrado em que são realizadas. No Maranhão, os elementos comuns a festa são: o império do Divino constituído crianças vestidas de Imperador e Imperatriz, mordomos e aias; bandeireiro e bandeirinhas. Além disso, a festa também possui outros personagens que variam dependendo de cada uma delas: mestre-sala (que zela pela tribuna); Rezadores para as ladainhas; fogueteiros, cozinheiras e organizadores, noitantes e festeiros. Além de todas estas personagens destacamos a presença daquelas que são condutoras dos rituais, denominadas de caixeiras que na visão de Pacheco, Abreu e Gouveia (2015) são consideradas os elementos mais importantes da festa. Os autores ainda as descrevem como “[...] senhoras devotas que cantam e tocam caixa acompanhando todas as etapas da cerimônia” (p. 02).

Assim, apesar da existência de muitos homens que tocam caixa em sua maioria são mulheres negras com mais de 50 anos, que moram em bairros periféricos e áreas rurais desprotegidas ou em situação de vulnerabilidade, visto os projetos desenvolvimentistas neoliberais e ataques as comunidades tradicionais e povos originários.

Sobre a presença de homens tocando caixa Ferretti (2013) reforça “[...] Em Alcantara nunca vimos homens tocando caixa do Divino. Em São Luís, um ou outro substitui uma das mulheres, mas permanece sentado”. O autor ainda esclarece que Dona Celeste, uma das matriarcas da Casa das Minas dizia que não era proibido homens tocarem e que conhecia alguns que tocavam. (FERRETTI, 2013) Acredita-se que com as traduções, adaptações e mobilidades comuns as culturas populares isso tenha mudado bastante, inclusive em algumas festas a Comunidade LGBTQUIA+ assume diversas posições e personagens ressignificando alguns traços originários de tradição, porém necessário inclusive a sua manutenção. Na Baixada Ocidental Maranhense e na capital são muitos os homens que tocam caixa nos mais diversos espaços de festa. (LOBATO, 2023)

Destaca-se que estas (es) mestras (es) do saber detentoras (es) de saberes e fazeres ancestrais, tocam caixa e possuem a responsabilidade durante a Festa do Divino de conhecer “[...] todos os detalhes dos rituais e do repertório musical da festa, [...] o dom do improviso para responder a qualquer situação imprevista”. (PACHECO, ABREU E GOUVEIA, 2015, p. 02)

Nesta perspectiva, Ferretti (2013, p. 193) destaca que as Caixeiras tem uma relação muito afetiva com o instrumento caixa, que são “[...] instrumentos membranofônicos de metal cilíndrico, com cerca de 70 cm de altura por 50 cm de diâmetro e couro nas duas bocas, afinados por cordas laterais”. Na Baixada Ocidental Maranhense este instrumento é feito principalmente do oco da madeira do jenipapeiro, compensados ou madeiras flexíveis. (LOBATO, 2023)

Apesar da diminuição da quantidade de caixeiras estas ainda se apresentam em quantidade variada a depender do lugar da festa. De acordo com Ferretti (2013) e Barbosa (2005) são em no mínimo 03 (três), sendo uma principal, a caixeira-régia, e duas ajudantes, chamadas caixeiras-mor (estas poderão substituir a caixeira-régia em situações de imprevistos). A caixeira régia deve ser a mais experiente, conhecedora dos rituais, precisa conhecer os versos e conduzir os principais momentos da festa. Na maioria das festas cada caixeira é acompanhada de uma menina que carrega a bandeirinha, que a auxilia e é ensinada sobre os momentos rituais e sobre o processo de tornar-se futuramente uma caixeira.

Na visão de Ferretti (2013) as caixeiras são devotas e se sacrificam para o santo, por meio do toque das caixas, mobilizadas e incentivadas pela devoção e pelas promessas que fazem em tocar em quantas festas for possível. Não recebem pagamentos, mas sempre acham bem-vindos os agrados e mimos que recebem das (os) festeiras (os) e devotas (os). Antigamente passavam meses pedindo donativos nas cidades e povoados cantando de casa em casa, realizando uma ligação entre a festa, o santo homenageado e os devotos que se encontravam-se distantes do local dos festejos (BRITO, 2013). Atualmente os pedidos de “jóia” (termo utilizado pelas

caixeiras e pelos devotos) são suprimidos em outras formas de *Dádivas* e *Contra-dádivas* garantindo a lógica baseada na reciprocidade na perspectiva de sustentação das tradições, pelo recebimento de graças fortalecidas pela obrigação de retribuir. (MAUSS, 2012)

Assim, compreendemos que as caixeiras são importantes referências de fortalecimento da identidade e dos saberes ancestrais, transitando entre os aspectos sagrados e profanos da festividade, são mulheres trabalhadoras rurais, aposentadas, algumas mulheres de terreiros que possuem papel fundamental na manutenção da tradição de festejar o Divino, reforçando o *modus operandi* da vida comunitária regada pelos laços de solidariedade e amizade, pelas relações sociais de saberes outros, de uma forma de prestígio e privilégio distante das perspectivas individualista do capitalismo.

3.1 As Caixeiras do Salão do Divino Espírito Santo, São Benedito e São Sebastião do Bairro da Quinta da Boa Vista no contexto das Políticas Culturais no Município de Pinheiro- MA

A festa da saudosa Teresa de Francelino do Salão do Divino, São Benedito e São Sebastião Família Francelino é realizada no Bairro Quinta da Boa Vista em Pinheiro- MA é uma das mais antigas da Baixada Ocidental Maranhense, tendo em vista a sua origem no ano de 1957. Nesta festa são comemorados o Divino Espírito Santo, São Benedito e São Sebastião durante 10 (dez) dias no mês de janeiro (de 10 a 20 do referido mês), aonde são realizados toques de caixas, ladainhas, procissões e cortejos, além de visitas dos impérios e levantamento e derrubada do mastro, jantares e distribuições de doces e bolos.

A festeira Tereza de Francelino faleceu no ano de 2007, sendo que a festa foi continuada pelos filhos, netos e a comunidade. A mesma era reconhecida como uma devota fervorosa do Divino Espírito Santo e São Sebastião, muito solidária, tendo adotado diversas crianças e idosos e herdou a festa do seu Pai Francelino Lobato

(1929-1983) que a realizava no povoado Cerro, zona rural de Pinheiro-MA, com os mesmos rituais já descritos.



Figura 2 e 3- As caixeiras realizando a dança ao redor do mastro em frente ao barracão da festa e as mesmas buscando os Impérios e “tirando jóias” pelas ruas do bairro.

Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

Para tanto, foram realizadas entrevistas com 04 (três) caixeiras da Festa do Divino Espírito Santo do Salão da Quinta da Boa Vista (Pinheiro- MA) entre os dias 13/11/2022 a 04/03/2023. As 04 (quatro) caixeiras entrevistadas desenvolvem suas ações em diversas casas de festa e iniciaram este trânsito a mais de 40 (quarenta) anos. A maioria delas aprendeu a tocar caixa na infância, sendo que incorporaram os saberes musicais e o ritmo com caixeiras mais idosas. Com base nas entrevistas (ainda em andamento) desenvolvida destacamos os seguintes aspectos

- a) Todas iniciaram como bandeirinhas e mantem muito devoção ao Divino. Todas são mulheres negras e se leem como afro-brasileiras;
- b) As entrevistadas eram oriundas de áreas rurais e sempre narram que suas vidas como mães e caixeiras;

- c) Elas destacam que conseguem articular as suas vidas de mães e caixeiras, trabalhadoras rurais e pescadoras;
- d) As caixeiras deste salão aprenderam a tocar nas festas do Cerro do senhor Francelino Lobato; dentre os repertórios mais valorizadas as músicas antigas e os rituais são muitos descritos por elas, principalmente os que são vistos como *mais próximos de como era antigamente* a depender do local da realização da festa;
- e) Existe um saudosismo em relação as festas antigas e manutenção dos rituais e tradições;
- f) Sobre os conflitos e disputas no universo simbólico da festa elas sempre afirmam que não passa de brincadeira e anedota. Para elas uma boa caixeira deve dominar as músicas e os momentos rituais da festa;

As caixeiras não são diretamente citadas no que tange a participação delas na edificação de políticas culturais. Os documentos que citam a existência delas apenas as descrevem de maneira folclorizada e enquanto um grupo a ser extinto. A visão saudosista sobre as caixeiras e essa percepção sobre a possibilidade de “desaparecerem” faz com que não sejam pensadas ações para perpetuação dessa tradição.

As mesmas que atualmente fazem parte da festa seguiram um trajeto “formativo” comum e corriqueiro em todas as casas de festa do Divino, pois inicialmente foram bandeirinhas quando adolescentes, aprenderam com as antecessoras e atualmente assumem os momentos rituais da festa com entusiasmo e devoção confirmado pelo discurso das nossas entrevistadas:

“Eu adoro a festa, adoro os festeiros, sou caixeira desde os oito anos de idade. Tocar para o Divino é minha emoção maior desta vida” (Depoimento de Maria Antônia)

Soares, caixeira régia da festa, realizado em 10 de março de 2023 no município de Pinheiro- MA)

“Eu gosto da festa, gosto das pessoas da festa. Sou caixeira desde os 14 anos em Santa Eulália, município de Palmeirândia. Ser caixeira é a minha vida” (Depoimento de Elza Soares, caixeira da festa, realizado em 10 de março de 2023 no município de Pinheiro- MA)

As falas das duas primeiras entrevistadas confirmam a visão de Barbosa (2015, p. 47) de que há Caixeiras que começaram a participar dos festejos na infância aos 8, 10 anos de idade, carregando bandeirinhas, “[...] outras que são filhas de Caixeiras e ouvem esta música desde o corpo de sua mãe e relatam sua presença em festas desde crianças e já tocando”. Outras ainda, “[...] começaram muito mais tarde, motivadas pelo desejo de aprender a tocar, cantar e se juntar àqueles grupos que elas admiravam e despertavam seu desejo de tomar parte neles”.

“Fui bandeira desde tempo da casa de Francelino e hoje sou caixeira e rezadeira. Minha vida é a festa do Divino. Sou grata por saber tocar e cantar para ele” (Depoimento de Lucilene Nogueira, caixeira da festa, realizado em 11 de março de 2023 no município de Pinheiro- MA)

“Essa festa eu já passo parte desde tempo que era no Cerro, fui bandeirinha e hoje caixeira do Divino”. (Depoimento de Maria Valentina Melo, Caixeira-mór da festa, realizado em 15 de março de 2023 no município de Pinheiro- MA)

Diante disso, com base nos depoimentos das entrevistadas, a festa do Divino já faz parte das suas existências, enquanto expressão de suas religiosidades, devoção e relação de pertencimento com esta comunidade ancestral. Porém estas sabem que grupos hegemônicos e o estado por meio de suas Políticas Públicas de Cultura não se relaciona a concebe-las como importantes constituidoras da Cultura local.

Neste sentido, Barbosa (2015) afirma que essas mulheres são as protagonistas de um universo devocional, musical e ritual que em sua performance tocam toques complexos em um roteiro ritual sofisticado e detalhado que possui grande poder de coesão das comunidades que os realizam. Porém, sabemos que para além da comunidade do qual pertencem e daqueles que são integrantes deste universo festivo, não existe reconhecimento dos poderes instituídos que movimentam a Política Cultural em relação ao labor destas, como destaca as falas das entrevistadas:

“Eles não sabem que se não tiver caixeira, não tem festa. Eles gostam de tirar fotos conosco, pra dizer que gostam, mas não vejo dar nenhum agrado e nem valorizar estas pretas aqui. Tocar caixa não é fácil”. (Depoimento de Maria Antônia Soares, caixeira régia da festa, realizado em 10 de março de 2023 no município de Pinheiro- MA)

“Se não dessem dinheiro, mas viessem ver a abertura da tribuna, acompanhar agente estaria tudo bem. Governo nem sabe que a gente existe”. (Depoimento de Elza Soares, caixeira da festa, realizado em 10 de março de 2023 no município de Pinheiro- MA)

“Governo nenhum ajuda caixeira. Ninguém dá agrado nenhum e a moça da cultura ainda disse que valoriza cultura da gente. Eu não acredito” (Depoimento de Lucilene Nogueira, caixeira da festa, realizado em 11 de março de 2023 no município de Pinheiro- MA)

“Eles fazem questão de dizer que ajudam as caxeiras, mas, nem vem aqui. O que nós sabemos fazer é algo que eles nem pensam em saber. Mas eles sabem que o que tocamos é bonito e todo mundo gosta. E mesmo sem prefeito a festa sai. Divino é sacrifício”. (Depoimento de Maria Valentina Melo, Caixeira-mór da festa, realizado em 15 de março de 2023 no município de Pinheiro- MA)

Nesta perspectiva, elas reconhecem que guardam um conhecimento que nem todos possuem e que existe muitas vezes o uso político quando “[...] *eles gostam de tirar fotos conosco, pra dizer que gostam [...]*” (SOARES, 2023) ou “[...] *a moça da cultura ainda disse que valoriza cultura da gente. Eu não acredito*”. (NOGUEIRA, 2023), denotando com isso, que não são acolhidas pelas Políticas Culturais e mesmo são tratadas sem o devido respeito

De acordo com Chauí (2006) A política cultural autoritária seria aquela que utiliza a cultura como instrumento justificador dos sistemas e regimes políticos; a populista seria a que busca a conscientização popular por meio da difusão de uma cultura popular autêntica “corretamente” interpretada pelos órgãos públicos de cultura; por fim, a neoliberal seria aquela que minimizaria o papel do Estado na produção da cultura, refletida neste caso na ausência do estado na garantia que todos os grupos subalternizados estejam presentes e participando das Políticas Públicas de Cultura.



Figura 3: Caixeiras (os) da Festa do Divino da Quinta da Boa Vista em cortejo pelas ruas da comunidade. Da esquerda para a direita Lucilene Nogueira, Elza Soares, Maria Valentina Melo e Maria Antônia Soares Fonte: Arquivo Pessoal (2022)

Assim, o tratamento dado pelos órgãos da Política Pública de Cultura do município investigado centra-se em um caleidoscópio de assistencialismo, autoritarismo, populismo e elementos do neoliberalismo que sem disfarçar consegue dar ênfase a um empreendedorismo multifacetado da Indústria Cultural, mobilizando-as de acordo com os seus interesses colonialistas e populistas.

Assim, apesar das caixeiras sentirem-se temerosas em relação a presença do Estado no sentido de financia-las ou dar “um agrado” no que tange a intervenção das Políticas Culturais nos momentos rituais transformando-os em espetáculos para o mercado de bens ancestrais, estas sabem da importância deste ente as reconhece-las e garantir a continuidade desta tradição, pois como disse a caixeira Soares (2023) “[...] se não tiver caixeira, não tem festa”. Enfatizamos também que estas caixeiras transitam por diversas festas tanto em terreiros quanto em casas de festa voltadas ao Catolicismo Popular. Muitas até preferem que o governo não as inclua nas Políticas Culturais e que mesmo com a ausência destas nas agendas das políticas públicas a festa acontece e as caixeiras realizam seus rituais e cantam a sua majestosa música, sendo que “[...] mesmo sem prefeito a festa sai. Divino é sacrifício” (MELO, 2023)

3 CONCLUSÃO

O desenvolvimento de políticas culturais em comunidades tradicionais, sobretudo em relação aos mestres e mestras do saber se caracteriza como um campo de tensões, distinções e interdições que envolvem que envolve a seletividade do Estado sobre aquilo que pode ou não ser “considerado” cultura e sobre as sujeitas e sujeitos que merecem reconhecimento. (OLIVEIRA e SILVA, 2013) Diante disso, afirmamos a existência de uma distinção fundamental das políticas culturais com a oposição entre, de um lado, a difusão da cultura consagrada e, de outro, a valorização das práticas culturais populares ou comunitárias, prevalecendo uma visão elitista de Política Cultural, impactando sobre a não participação das caixeiras na agenda

governamental. Por outro lado, estas não possuem representatividade nos conselhos de direitos culturais e nas demais instancias sobretudo pela falta de valorização e oportunidade engendrada pelas e nas relações de poder.

Diante disso, Identificou-se por meio desta pesquisa, ainda em andamento, que as (os) Caixeiras (os) do Divino Espírito Santo do Salão Divino Espírito Santo, São Sebastião e São Benedito apesar de serem citadas nos documentos oficiais em sua maioria, não são contemplados pelas políticas e, programas engendrados pelas Políticas Culturais mesmo sendo reconhecidas como guardiãs de um saber ancestral, tendo em vista as suas condições de mulheres e homens idosos e idosos, negras (os) e empobrecidas (os), unindo-se a massificação cultural e a ausência de prioridade nas agendas das políticas públicas de cultura da inclusão de segmentos populares.

REFERÊNCIAS

AIRES, Maria do Socorro Rodrigues de S. **A Festa de Santana e do Divino Espírito Santo no Terreiro Fé em Deus:** as relações do pesquisador no campo. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal do Maranhão, 2014.

BARBOSA, Marise G. **Pulsando Junto:** caixeiras do Divino e sua música diaspórica. Dissertação de Mestrado em Música. Universidade de Brasília: 2015.

BRITO, Viviane Maria de. **Mulheres que tiram jóias da caixa:** tradição do Maranhão tocada pelas Caixeiras do Divino no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Estudos Contemporâneos das Artes) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, 2014.

CHAUÍ, M. **Cidadania Cultural:** o direito à cultura. São Paulo: Perseu Abramo, 2006

FERRETTI, Sérgio. **Querebentan de Zomadonu:** etnografia da Casa das Minas do Maranhão. São Luís: Edefma, 2009.

FERRETTI, Sérgio. **Repensando o Sincretismo.** São Paulo: EDUSP, 2013.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas,** Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2008.

GOLDMAN, Marcio. **Mais Alguma Antropologia.** Rio de Janeiro: Ponteio, 2016.

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada
Internacional
Políticas Públicas

19.22
SET/2023

COABE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

LIMA, Carlos de. **A Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (Maranhão)**. Brasília: Fundação Nacional Pró-memória, 1998.

LOBATO, M. A. **O Devir Caixeira**: aprendizado, participação e performance na festa do Divino Espírito Santo da saudosa Teresa de Francelino e no Terreiro Ogum Megê em Pinheiro- MA. Relatório Parcial de Pesquisa (EDITAL PRPGI Nº 09/2022 - PIBIC ENSINO MÉDIO 2022/2023 IFMA). Pinheiro- MA: 2023.

LIMA, Luciana Piazzon Barbosa. ORTELLADO, Pablo. SOUZA, Valmir de. **O que são as Políticas Culturais?** Uma revisão crítica das modalidades de atuação do Estado no Campo da Cultura. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013.

PACHÊCO, G. GOUVEIA, C. ABREU, M.C. **Caixeiros do Divino Espírito Santo de São Luís do Maranhão**. Rio de Janeiro: Associação Cultural Caburé, 2005

PESSOA, Claudeilson Pinheiro. RUANN, Lucas. O Divino da Quinta da Boa Vista (Documentário). **Youtube**. 06 de maio de 2022. Coletivo TEBAS (Projeto de Extensão Terreiro de Saberes Baixadeiros \IFMA Campus Pinheiro)

OLIVEIRA E SILVA, Jaqueline de. **Quilombo, cultura e política**: uma etnografia das Políticas Culturais na Comunidade de Castainho, Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2013.

SILVA, Vagner G. **O Antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras São Paulo: Edusp, 2015.

SOARES, M. P.P. **"Aqui a fé corre beirada**: experiências etnográficas nos festejos do Divino Espírito Santo em bairros localizados nas periferias de Pinheiro-MA. Relatório Parcial de Pesquisa (EDITAL PRPGI Nº 09/2022 - PIBIC ENSINO MÉDIO 2022/2023 IFMA). Pinheiro- MA: 2023.

PROMOÇÃO



APOIO

